

**DIÁLOGOS ENTRE EDUCAÇÃO FÍSICA E INTERCULTURALIDADE: UMA
REVISÃO SISTEMÁTICA**

**DIALOGUES BETWEEN PHYSICAL EDUCATION AND INTERCULTURALITY: A
SYSTEMATIC REVIEW.**

**DIÁLOGOS ENTRE EDUCACIÓN FÍSICA E INTERCULTURALIDAD: UNA
REVISIÓN SISTEMÁTICA**

SILVA, Marcell Rezende

marcellrezendes@gmail.com

Colégio Pedro II – Professor EBTT

<https://orcid.org/0000-0001-5874-3585>

SIQUEIRA, Vera H Ferraz de

verahfs@yahoo.com.br

UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro

<https://orcid.org/0000-0002-3574-8671>

SILVA, Andréa Costa da

acostadasilva@gmail.com

UFRJ – Professora Colaboradora do PPGECS/NUTES

<https://orcid.org.br/0000-0003-4130-1646>

RESUMO O entendimento da diversidade a partir da noção de colonialidade norteia essa revisão sistemática cujo objetivo foi traçar um panorama geral e analisar como as pesquisas no campo da Educação Física têm se apropriado da temática da interculturalidade. Trata-se de um trabalho qualitativo e exploratório, a partir de publicações nas bases de dados Google Acadêmico, Scielo e Portal de Periódicos – CAPES entre os anos de 2007 e 2017. Dos resultados destacam-se a escassez de pesquisas sobre essa temática, a variedade de metodologias adotadas nos estudos, a necessidade de questionar a organização escolar e os currículos monoculturais, a importância de uma formação profissional intercultural, a reiteração do direito à educação e a busca de uma escola capaz de valorizar as diferenças e contribuir para uma sociedade mais justa, diversa e humana.

Palavras-chave: Educação Física. Interculturalidade. Multiculturalismo. Revisão sistemática.

ABSTRACT The understanding of diversity based on the notion of coloniality guided this systematic review whose objective was to outline a general panorama and analyze how research in the field of Physical Education has appropriated the theme of

interculturality. This is a qualitative and exploratory work, based on publications in the Google Scholar, Scielo and Portal de Periódicos-CAPEs data bases between the years 2007 and 2017. Among the results stand out the scarcity of research on this topic, the variety of methodologies adopted in the studies, the need to question the school organization and monocultural curricula, the importance of intercultural professional training, the reiteration of the right to education and the search for a school capable of valuing differences and contributing to a more just, diverse and human society.

Keywords: Physical Education. Interculturality. Multiculturalism. Systematic review.

RESUMEN La comprensión de la diversidad desde la noción de colonialidad orienta esta revisión sistemática cuyo objetivo fue trazar un panorama general y analizar cómo la investigación en el campo de la Educación Física se ha apropiado del tema de la interculturalidad. Se trata de un trabajo cualitativo y exploratorio, basado en publicaciones en las bases de datos Google Scholar, Scielo y Portal de Periódicos - CAPEs entre los años 2007 y 2017. Los resultados destacan la escasez de investigación sobre este tema, la variedad de metodologías adoptadas en los estudios, la necesidad de cuestionar la organización escolar y los planes de estudio monoculturales, la importancia de la formación profesional intercultural, la reiteración del derecho a la educación y la búsqueda de una escuela capaz de valorar las diferencias y contribuir a una mayor justa, diversa y humana.

Palabras clave: Educación Física. Interculturalidad. Multiculturalismo. Revisión sistemática.

1 INTRODUÇÃO

Em nosso país, a diversidade sempre foi um imperativo. Desde a colonização, diferentes povos e culturas foram nos constituindo enquanto nação, o que ressalta a importância de contextualizar e politizar o debate sobre diversidade cultural.

Compreender esse processo histórico, a partir da noção de colonialidade, se mostra um caminho interessante. Entendida como resultado do colonialismo moderno, no qual estão presentes relações formais de poder entre dois povos/nações, a colonialidade extrapola as relações formais e políticas e retrata um padrão de poder referente à forma como o trabalho, o conhecimento, a autoridade e as relações subjetivas se articulam entre si, permeadas pelos ideais capitalistas e a ideia de raça (OLIVEIRA; CANDAU, 2010).

No intuito de romper com processos coloniais, excludentes e segregadores, autores como Walsh (2009) e Oliveira e Candau (2010) defendem a decolonialidade. Para eles, essa ideia preconiza considerar as lutas de povos e grupos historicamente



subalternizados (a partir das pessoas e de suas práticas sociais, epistêmicas e políticas), desvendar os processos de desumanização e construir outros modos de viver, de poder e de saber.

O pensamento decolonizador tem como foco a luta contra a existência dominada, a desumanização e a “não-existência” – termo usado por Walsh (2009, p. 34), referente à negação sistemática, ao apagamento da outra pessoa – questiona a negação histórica da existência dos não-europeus, como os afrodescendentes e indígenas da América Latina, e pretende dar visibilidade a outras lógicas de pensar, de ser e de conhecer. Esta perspectiva é considerada, por Walsh (2009), como parte de um projeto intercultural. A interculturalidade, nesse contexto, está intimamente ligada a um projeto social, cultural, educacional e político atrelado à decolonização e à transformação.

A Escola se insere nessa conjuntura. Não podemos mais negligenciar as relações colonizadoras que inferiorizam uns em detrimento de outros, o que desafia os pesquisadores da Educação a analisarem seus objetos de pesquisa sob múltiplas dimensões e os professores e as professoras a darem conta da diversidade corporificada em seus alunos. Esses profissionais, portanto, merecem especial atenção quando se discute uma educação decolonial e intercultural. São eles e elas que estão no chão da escola e lidam diariamente com as contradições e a multiplicidade de identidades e pertencimentos de alunos e alunas.

Uma agenda de mudanças no cenário escolar invariavelmente advém de políticas públicas que reconheçam garantias ou ofereçam visibilidade a temas silenciados. Por essa via e buscando uma perspectiva mais intercultural, se insere no cenário educacional, no final dos anos 90, o documento intitulado *Parâmetros Curriculares Nacionais* (BRASIL, 1997). A partir desse e de outros documentos publicados pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC), e sua posterior circulação entre as escolas brasileiras, que temáticas como, sexualidade, gênero e cidadania seriam *autorizadas*, de forma oficial, a circular nas aulas de diferentes disciplinas, por meio dos temas transversais¹.

¹ A transversalidade diz respeito, em uma ótica mais prática, à possibilidade de inserir no cotidiano da escola temas atuais e candentes sem definição disciplinar.

Este cenário favorável a mudanças é descrito por Unbehaum (2014) e se inicia, segundo a autora, com a promulgação da Constituição de 1988, prolongando-se nos anos 2000, período em que ocorre visível investimento em políticas públicas educacionais no Brasil, direcionadas para temas como, gênero, sexualidade, diversidade sexual, direitos humanos, raça etc. A autora assinala que “[...] toda a primeira década dos anos 2000, é influenciada por esse contexto social e político, observa-se a expansão [...] e consequente crescimento de teses e dissertações sobre questões de gênero e diversidade” (UNBEHAUM, 2014, p. 21).

Com tais pressupostos, recorreremos à busca sobre a produção bibliográfica, pensando como marco a publicação dos PCNs (BRASIL, 1997), utilizando o recorte temporal de dez anos, com seu início no ano de 2007. Justificamos tal opção, levando em conta a possível letargia que a produção científica teria para refletir o investimento sobre tais temas impulsionados pelas reformas educacionais.

Essas considerações orientam a presente revisão sistemática², que tem como objetivo traçar um panorama geral e analisar como as pesquisas no campo da Educação Física têm se apropriado da temática da interculturalidade. Tendo como ponto de partida o entendimento da diversidade a partir da noção de colonialidade, iniciamos esse artigo apresentando nossa concepção de interculturalidade, relacionando-a ao currículo e à Educação Física. Feito isso, apresentamos nosso percurso metodológico, seguido pelas análises e conclusões.

2 INTERCULTURALIDADE, CURRÍCULO E EDUCAÇÃO FÍSICA

Consideramos a diversidade cultural como um imperativo do cotidiano escolar, com o pressuposto de que não há uma cultura superior ou inferior, mas diversas manifestações construídas histórica e socialmente, que levam em conta conexões entre identidade e relações de poder (SILVA, 2005). A transformação do contexto

² Esse trabalho é oriundo da dissertação de mestrado intitulada “Interculturalidade, Diversidade e Educação Física: discursos e práticas de professores do Ensino Fundamental”, defendida em 2018 e publicada em 2019, cujo objetivo foi analisar o entendimento dos professores de educação física sobre diferenças (de ordem cultural e outras) e de como a diversidade se apresenta e é significada nas aulas e nos documentos escolares (projeto político pedagógico e plano de curso do componente curricular) de uma escola municipal do Rio de Janeiro.



educacional, de forma a torná-lo propício a essa diversidade, está atrelada ao currículo escolar, uma vez que este é ligado, de forma dinâmica, aos conteúdos e aos métodos escolares. Assumimos o currículo como um campo de luta e a Educação Física como uma área de conhecimento, que trabalha com as diferentes formas de práticas corporais, envolvendo aspectos biológicos, culturais e sociais (DARIDO; RANGEL, 2005).

Ao articular conhecimentos provenientes de diferentes ciências (humanas, sociais e biológicas) e com diferentes objetivos e objetos de estudo, a Educação Física pode ser classificada em subáreas. Dentre elas, destacamos a Educação Física *Escolar*, a qual se caracteriza pelas discussões acerca de questões insurgentes das especificidades da instituição escolar (SOARES, 1996).

Segundo Lopes e Macedo (2011), as primeiras discussões sobre currículo desconsideravam seu caráter político e ideológico, até que surgem as perspectivas críticas, as quais revelam que, na escola, além dos conteúdos, interiorizamos símbolos e códigos que nos orientam a como agir em sociedade.

As correntes críticas exerceram forte influência no currículo da Educação Física a partir da década de 80, buscando atuar na formação integral do ser humano, contemplando a sua realidade econômica e sociocultural e questionando concepções cujo predomínio recaía sobre o aspecto biológico dos sujeitos (SOARES, 1992). Todavia, muitas concepções ainda apresentavam uma visão individualista de sujeito e pautavam seus discursos quase que exclusivamente sob posicionamentos políticos e de negação dos aspectos biológicos (DAOLIO, 2003).

No intuito de romper com a oposição biológico/cultural e considerar o pertencimento a determinados grupos e as relações de poder na constituição dos sujeitos, autores como Neira (2008) e Rangel (2008), focando na área da Educação Física, apresentam alternativas pautadas nos estudos culturais, em sua vertente pós-estruturalista. Tais autores compreendem o currículo como uma prática discursiva e o multiculturalismo e a interculturalidade como possibilidades de ressignificá-lo.

Considerando o amplo debate teórico acerca das diferentes vertentes de Multiculturalismo e Interculturalidade, Candau (2008) caracteriza as perspectivas multiculturais em três categorias: I. *Multiculturalismo assimilacionista*: busca integrar os sujeitos sociais e incorporá-los à cultura hegemônica. A autora sinaliza que



podemos identificar claramente essa perspectiva em nosso sistema escolar, o qual promove uma política de universalização da educação, mas desconsidera a diversidade em seus currículos; II. *Multiculturalismo diferencialista*: reconhece as diferenças e não busca integrá-las. Privilegia a formação de comunidades culturais homogêneas (de bairros, associações, igreja etc.), enfatiza o reconhecimento da diferença e o acesso a direitos sociais e econômicos, mas não preza por intercâmbios culturais. III. *Multiculturalismo crítico ou interculturalidade*: propõe uma inter-relação entre diferentes grupos e rompe com uma visão essencialista de cultura e identidade, concebendo-as como um processo contínuo de elaboração. Defende uma agenda política de transformação em prol do compromisso com a justiça social e com a “[...] construção de uma sociedade democrática, plural, humana, que articule políticas de igualdade com políticas de identidade” (CANDAUI, 2008, p. 52).

Walsh (2009) enriquece as discussões acerca do multiculturalismo e interculturalidade ao enfatizar os mecanismos políticos que os permeiam. Segundo a autora, desde a década de 90, a diversidade cultural na América Latina ganhou espaço nos debates políticos, mas com visões pautadas em padrões eurocêntricos. Camuflados por trás de um discurso (neo)liberal multiculturalista, o qual “opera uma lógica multicultural que incorpora a diferença, na medida em que a neutraliza e a esvazia de seu significado efetivo” (WALSH, 2009, p. 16), essa lógica multicultural caminha para o controle social, à invisibilização de determinados grupos e ao incremento da eficiência econômica; não busca, efetivamente, a criação de sociedades mais equitativas. As reformas educacionais dos anos 90, que, supostamente, buscam reconhecer o caráter plural da escola, fazem parte dessa lógica, definida como neoliberalismo étnico ou multicultural.

Com o passar do tempo, as políticas e estratégias multiculturais-neoliberais passaram a utilizar a definição de interculturalidade em seus discursos, o que Walsh (2009) classifica como interculturalidade funcional. Como alternativa, a autora propõe a interculturalidade crítica, que questione as diferenças sociais e explicita as condições necessárias (econômicas, políticas, educativas etc.) para que o diálogo entre diferentes grupos verdadeiramente aconteça.

A interculturalidade crítica não fixa os sujeitos em determinado padrão cultural e afirma os intensos processos de hibridização, construtores de identidades abertas.

Ao considerar que nenhuma cultura é estanque, mas antes de tudo híbrida, o interculturalismo surge como possibilidade de repensar as relações sociais a partir da interação entre culturas, da abertura e do diálogo, das diferenças internas aos próprios grupos e entre os grupos (OLIVEIRA, 2017). A interculturalidade difere do multiculturalismo à medida que sua base é alicerçada no reconhecimento do direito à diferença e na luta contra todas as formas de discriminação e desigualdade social.

Uma educação intercultural trabalha com a produção das diferenças e a instabilidade das identidades. A identidade do sujeito deixa de ser compreendida como algo puramente inato ou social (em ambos os casos, estável e unificada) e passa a ser entendida como fluída e provisória, o que Hall (2006) intitula como sujeito pós-moderno. A identidade do sujeito pós-moderno estremece as concepções curriculares pautadas numa cultura geral ou em *identidades mestras*.

A interculturalidade compreende a identidade como uma significação cultural e busca repensar as formas de expressão dos sujeitos, romper com identificações que estabeleçam relações desiguais de poder, desconstruir preconceitos e desnaturalizar identidades e dogmas. Acreditamos que refletir sobre essas questões pode nos levar a uma educação capaz de reduzir as desigualdades sociais.

3 CONSTRUINDO A REVISÃO

Buscando responder aos objetivos deste trabalho, realizamos uma revisão sistemática, com caráter qualitativo e exploratório, de publicações científicas que contemplam interlocuções entre Educação Física e Interculturalidade. Consideramos a diversidade presente no cotidiano escolar em seu sentido amplo – sem focarmos marcadores específicos (gênero, raça etc.) – e definimos como marco temporal as pesquisas publicadas entre os anos de 2007 e 2017, conforme pressupostos descritos anteriormente.

Noronha e Ferreira (2000) definem como estudo de revisão aquele que analisa a produção bibliográfica em determinada área temática, delimitado por um recorte temporal e que gera uma visão geral sobre um tópico específico, evidenciando novas ideias, métodos e subtemas com maior ou menor ênfase. Para realizar uma revisão sistemática, é preciso uma questão clara, critérios bem definidos e



resultados/discussões que forneçam novas informações e auxiliem na atualização e/ou construção de novas diretrizes para atuação profissional ou novas pesquisas de campo (GOMES; CAMINHA, 2014).

Considerando as interlocuções entre Interculturalidade e Educação Física, o levantamento bibliográfico foi dividido em duas etapas. Na primeira, mapeamos as produções identificadas na nossa pesquisa. A seguir, analisamos os artigos com base em suas “tendências, ênfases, escolhas metodológicas e teóricas, aproximando ou diferenciando os trabalhos entre si” (FERREIRA, 2002, p. 265).

Realizamos as buscas nas bases de dados Google Acadêmico, Portal de Periódicos Capes e Scielo e elencamos como palavras-chave os termos *Educação Física, Interculturalidade, Multiculturalismo, Identidade e Diversidade*. Dos resultados encontrados, selecionamos trabalhos publicados em periódicos e anais de eventos científicos, por compreender que os mesmos passam por avaliações criteriosas que ratificam sua qualidade.

Utilizamos, em todas as buscas, a palavra-chave *Educação Física* associada à palavras acima mencionadas e encontramos 144 trabalhos, conforme apresentado na tabela 1.

Tabela 1 – Trabalhos encontrados

Chave de Busca	Palavras Chave	Google acadêmico	Portal de Periódicos - CAPES	Scielo	Total de trabalhos
1	<i>Educação Física + Interculturalidade</i>	2	0	0	2
2	<i>Multiculturalismo</i>	29	1	0	30
3	<i>Diversidade</i>	44	0	0	44
4	<i>Identidade</i>	68	0	0	68
		143	1	0	144

Fonte: Elaboração própria, 2020.

Iniciamos, a seguir, o refinamento da seleção dos artigos, através de: I) leitura dos títulos; II) leitura dos resumos, apresentado na tabela 2³. Excluímos trabalhos que investigavam outros campos de atuação da Educação Física que não o escolar e focavam concepções biológicas de corpo, treinamento desportivo ou aptidão física, restando 20 trabalhos.

³ De acordo com Ferreira (2002), dado o crescimento da literatura científica, a seleção de trabalhos a partir dos títulos e resumos tornou-se estratégia indispensável aos pesquisadores.



Tabela 2 – Trabalhos selecionados a partir da leitura do título e do resumo.

Chave de Busca	Resultados considerados		Selecionados a partir do título		Selecionados a partir do resumo
1	2		1		1
2	30		13		8
3	44	⇒	12	⇒	3
4	68		17		4
	144		60		20

Fonte: Elaboração própria, 2020.

Na última triagem, realizada a partir da releitura dos 20 resumos previamente selecionados, utilizamos como critérios de inclusão: I. trabalhos teóricos com foco nos conceitos de multiculturalismo e interculturalidade; II. trabalhos empíricos nos quais os sujeitos pesquisados fossem professores, dada a importância desses profissionais no direcionamento de uma proposta educativa intercultural; III. trabalhos empíricos com foco na diversidade em sentido amplo, sem restringir-se a categorias específicas (gênero, raça etc.). Dessa forma, chegamos a um *corpus* final de doze trabalhos, conforme detalhamos adiante, na tabela 3.

Para a análise dos artigos, fizemos uso da metodologia de análise de conteúdo, a qual lança mão de procedimentos sistemáticos e objetivos da descrição de conteúdos, possibilitando uma leitura mais profunda daquilo que se pretende analisar. Na análise de conteúdo, adotamos as etapas sinalizadas por Bardin (2011): *pré-análise*, na qual ocorre a organização inicial das ideias, a definição de hipóteses e dos objetivos; *exploração do material*, em que o pesquisador busca tomar e administrar decisões a partir das hipóteses e objetivos previamente elencados; e *tratamento dos dados*, em que ocorre a sistematização dos dados no intuito de serem significativos e válidos e o pesquisador busca realizar inferências e colocações a partir dos dados analisados. É importante mencionar que partimos de categorias apriorísticas para a análise dos dados – a saber: interculturalidade, diversidade e currículo – e, no decorrer da investigação, surgiu outra categoria, a questão do direito à educação, a qual contemplamos sem nela nos aprofundarmos.

4 O QUE NOS DIZEM OS TRABALHOS

Tendo em vista apontar ênfases, lacunas e novas informações, organizamos as discussões em três etapas: na primeira, buscamos caracterizar aspectos



quantitativos da amostra, a partir das seguintes variáveis: ano de publicação, instituição/localização geográfica de origem, meio de publicação e autores com maior produção; na segunda, nosso foco incide sobre o embasamento teórico e metodológico utilizado; na terceira, trazemos para a discussão as principais reflexões levantadas pelos autores.

4.1 Panorama dos trabalhos

Neste estudo, conforme já mencionado, selecionamos trabalhos produzidos entre os anos de 2007 e 2017. O número de publicações por ano pode ser visto na tabela 3:

Tabela 3 – Educação Física e interculturalidade: panorama dos trabalhos (2007-2017)

Ano	Instituição/Região geográfica	Autores	Meio de publicação	Título
2007	USP (Sudeste)	NEIRA	Motriz (Periódico)	Valorização das identidades: a cultura corporal popular como conteúdo do currículo da Educação Física.
2008	UNESP (Sudeste)	RANGEL et al.	Motriz (Periódico)	Educação Física Escolar e multiculturalismo: possibilidades pedagógicas.
2008	UFPR (Sul)	RIBEIRO e DA COSTA	IV Congresso Sulbrasileiro de Ciências do Esporte (Anais)	Educação Física: diversidade e diferença no contexto escolar.
2008	USP (Sudeste)	NEIRA	Currículo sem fronteiras (Periódico)	Em contextos multiculturais: concepções docentes acerca da própria prática pedagógica.
2009	UFRJ (Sudeste)	DE GOES RIBEIRO	Arquivos em Movimento (Periódico)	Reflexões sobre a pesquisa multicultural na formação do professor de Educação Física: potenciais e desafios.
2009	UFBA (Nordeste)	DUARTE e ESPÍRITO SANTO	XVI Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e III Congresso Internacional de Ciências do Esporte (Anais)	Identidade & diferença: reflexões a partir do cotidiano nas aulas de educação física escolar.
2011	Universidad Nacional de Lujan (Argentina)	MARIEL	Movimento (Periódico)	A construção de identidades corporais alternativas nos limites de um projeto educativo hegemônico.
2012	UFF (Sudeste)	DE ASSIS, e CARVALHO	ENDIPE - Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino (Anais)	Corporeidades, experiências e práticas pedagógicas.



2014	UERN (Nordeste)	OLIVEIRA	Redfoco (Periódico)	O diverso e o diferente: para além da utopia.
2016	UFRJ (Sudeste)	SALLES e IVENICKI	Temas em Educação Física Escolar (Periódico)	Currículo prescrito da Educação Física no Colégio Pedro II: um olhar multicultural.
2016	UFRoraima (Norte)	TRIANI, DA FONSECA e SBARAINI	Ensino, Saúde e Ambiente (Periódico)	Educação Física escolar, interculturalidade e saúde: uma articulação necessária.
2017	USP (Sudeste)	NEIRA	Utopía y PraxisLatinoamericana (Periódico)	Possíveis relações entre multiculturalismo e teorias curriculares da Educação Física.

Fonte: Elaboração própria, 2020.

Essa tabela permite perceber a distribuição dos trabalhos ao longo dos anos. Destacamos os anos de 2010, 2013 e 2015, nos quais não houve nenhuma publicação e os anos de 2008 (n=3), 2009 (n=2) e 2016 (n=2) quando houve um aumento, ainda que pouco expressivo, no número de publicações. Considerando o total de pesquisas dentro do recorte temporal utilizado, a média é menor que um trabalho publicado por ano, o que atesta para a escassez dessa produção.

Em relação à região/instituição de origem dos trabalhos, destaca-se a produção proveniente da região sudeste brasileira, responsável por sete dos 12 trabalhos da amostra (NEIRA, 2007; 2008 e 2017; RANGEL et al., 2008; DE GOES RIBEIRO, 2009; DE ASSIS e CARVALHO, 2012; SALLES e IVENICKI, 2016). Destes, quatro estudos são de universidades do estado de São Paulo (NEIRA, 2007; 2008 e 2017; RANGEL et al., 2008) e três do Rio de Janeiro (DE GOES RIBEIRO, 2009; DE ASSIS e CARVALHO, 2012; SALLES e IVENICKI, 2016), com destaque para a Universidade de São Paulo (3) e Universidade Federal do Rio de Janeiro (2).

Dos 12 trabalhos analisados, nove foram publicações em periódicos e três em anais de congressos. A publicação em anais de eventos científicos pode sugerir uma tradição na realização destes eventos, os quais reúnem pesquisadores interessados em debater presencialmente determinados assuntos. A publicação em periódicos, por sua vez, propicia aos autores divulgarem seus achados de pesquisa para um grande número de interessados, legitimar o conhecimento produzido e ampliar o reconhecimento do pesquisador diante da comunidade científica (SIMÕES et al., 2016).

Por fim, ao identificar os responsáveis pelas pesquisas, observamos uma diversidade de autores, com exceção de Marcos Neira, professor da Universidade de São Paulo, responsável por três dos doze trabalhos de nosso *corpus*.

4.2 Alternativas conceituais e metodológicas

Nesta seção, buscamos identificar em relação a quais conceitos a interculturalidade e o multiculturalismo na Educação Física são discutidos com maior ênfase e sob quais referenciais os autores embasaram metodologicamente suas pesquisas.

De Assis e Carvalho (2012) combinam as noções de multiculturalismo e interculturalidade com as perspectivas da corporeidade e a noção de experiência. Segundo elas, a corporeidade questiona o corpo como um dado natural ou divino e o coloca como parte de processos culturais e a experiência é “tudo que nos afeta, a partir das semelhanças e diferenças existentes, a partir de uma inserção na realidade que registra, seletivamente, o vivido” (DE ASSIS; CARVALHO, 2012, p. 13). Os demais trabalhos permeiam suas argumentações a partir dos conceitos de multiculturalismo e interculturalidade (NEIRA, 2007, 2008 e 2017; RANGEL et al., 2008; DE GÓES RIBEIRO, 2009; OLIVEIRA et al., 2014; SALLES e IVENICKI, 2016; TRIANI, DA FONSECA e SBARAINI, 2016) ou enfatizam discussões sobre poder, identidade e diferença (RIBEIRO e DA COSTA, 2008; DUARTE e ESPÍRITO SANTO, 2009; MARIEL, 2011).

Esses trabalhos vão ao encontro dos ideais decoloniais e interculturais, à medida que questionam a organização escolar, os currículos monoculturais e as relações desiguais de poder que ocorrem no cotidiano da escola. Buscam dar visibilidade e força aos alunos que, geralmente, são marginalizados, mesmo que simbolicamente, do sistema escolar, possibilitando a construção e a valorização de diferentes modos de viver e de saber.

Analisando o tipo de pesquisa, dos 12 trabalhos da amostra, seis são estudos teóricos (RANGEL et al., 2008; DE GOES RIBEIRO, 2009; DUARTE e ESPÍRITO SANTO, 2009; OLIVEIRA et al., 2014; TRIANI, DA FONSECA e SBARAINI, 2016; NEIRA, 2017) e seis empíricos (NEIRA, 2007 e 2008; DE ASSIS e CARVALHO, 2008; RIBEIRO e DA COSTA, 2008; MARIEL, 2011; SALLES e IVENICKI, 2016).

Os trabalhos de cunho teórico possuem caráter de ensaio ou revisão de literatura. Rangel et al. (2008) analisaram as interfaces entre Educação Física escolar e multiculturalismo. De Góes Ribeiro (2009) discutiu como a epistemologia

multicultural pode contribuir positivamente na identidade dos sujeitos. Duarte e Espírito Santo (2009) problematizaram o tratamento dado pelos professores às questões da identidade e diferença em sua prática. Oliveira et al. (2014) buscaram compreender os processos de exclusão que acontecem nas aulas. Triani, Da Fonseca e Sbaraini (2016) discutiram as dificuldades e potencialidades do ensino da Educação Física, considerando as diferenças socioculturais. Neira (2017) confrontou as concepções multiculturais com as teorias curriculares da Educação Física.

Nota-se que os pesquisadores apresentam preocupações dentro da perspectiva intercultural crítica, ao enfatizarem processos de exclusão e formações identitárias, trazendo essas discussões à tona em prol de ações em direção à redução das desigualdades. Além disso, alinham-se à decolonialidade ao enfatizarem a luta contra a dominação de determinados grupos, valorizando outras formas de pensar e estar no mundo.

Os trabalhos empíricos podem ser compreendidos em quatro tipos: análise documental, relato de experiência, etnografia e pesquisa ação.

Salles e Ivenicki (2016) realizaram a análise documental de Projetos Pedagógicos e planos de ensino da disciplina Educação Física do Colégio Pedro II. Ribeiro e da Costa (2008) desenvolveram suas reflexões a partir de relatos de experiências da disciplina prática de ensino, de um curso de graduação. De Assis e Carvalho (2012) analisaram uma prática pedagógica proposta pelos próprios autores para alunos do primeiro seguimento do ensino fundamental. Lançando mão da etnografia, Neira (2008) tece discussões entre multiculturalismo, corpo, identidade e Educação Física escolar e Mariel (2011) conjectura sobre a contribuição da Educação Física na construção das identidades corporais infantis. Neira (2007) realiza uma pesquisa-ação, com o intuito de analisar o processo de construção e implementação de um currículo multicultural para a Educação Física.

Os quatro tipos de trabalhos empíricos destacados apontam para a complexidade e a riqueza de se pensar a educação sob a ótica intercultural, o que estremece os alicerces escolares e exige que toda estrutura escolar seja revista (CANDAU, 2008). O pensamento decolonial e intercultural crítico não permite aceitar relações de subordinação e inferiorização de uns em detrimento de outros.

Questionando o papel das pesquisas com base nos ideais interculturais, Rangel et al. (2008) mostram que as pesquisas sobre Educação Física e Multiculturalismo são escassas e, quando realizadas, têm como foco categorias definidas: etnia, gênero ou inclusão. De Góes Ribeiro (2009) aponta à lacuna na produção acadêmica sobre esse assunto e defende, assim como Neira (2007; 2008), a ampliação de pesquisas empíricas, enfatizando a pesquisa-ação e a etnografia envolvendo todos aqueles presentes no cotidiano escolar.

Com base nos trabalhos analisados, é possível perceber a importância das discussões pautadas na interculturalidade, capazes de ampliar os olhares da Educação Física, bem como as lacunas e a necessidade de mais pesquisas. Essa lacuna pode ser evidenciada quando resgatamos as buscas no Portal de Periódicos Capes e na Scielo e encontramos como resultados, respectivamente, uma e zero produções. Nesse sentido, questionamos: como duas bases de dados tão significativas para a ciência não hospedam pesquisas sobre essas temáticas que se mostram de suma importância para pensar uma educação transformadora?

4.3 Diversidade, Currículo e Direito

No intuito de identificar as temáticas presentes nos trabalhos, definimos três categorias com base nas reflexões realizadas pelos autores: I. Identidade, Diferença e Diversidade; II. Currículo; III. A questão do Direito à educação.

4.3.1 Identidade, Diferença e Diversidade

Sobre identidade, diferença e diversidade, Triani, Da Fonseca e Sbaraini (2016) apontam à necessidade da reconstituição das práticas escolares de forma a valorizar as diferenças e De Assis e Carvalho (2012) defendem que a diferença é constitutiva do sujeito, está presente no cotidiano escolar e propõem uma pedagogia da diferença, a qual exige novos métodos e estratégias diferenciadas.

Rangel et al. (2008) enfatizam a importância do reconhecimento do outro, de um maior trabalho com as diferenças, de não encarar a problemática dos preconceitos de forma superficial, de utilizar o princípio da inclusão, de refletir sobre sua própria

ação, de selecionar os conteúdos de forma diversificada, de avaliar as atitudes e de provocar mudanças no currículo e na formação de professores.

Ribeiro e Da Costa (2008) discutem como as aulas de Educação Física ainda são estruturadas em valores eurocêntricos. Questionam os padrões escolares que determinam o que os alunos podem e devem fazer para não serem considerados *anormais*, o que desencadeia processos de exclusão ou autoexclusão. Nessa linha, Neira (2008) mostra que, na escola, há a valorização de determinadas identidades em detrimento de outras, caracterizadas, segundo Duarte e Espírito Santo (2009), por ações pedagógicas centradas em práticas de abandono e descaso, que não dão conta de problematizar a diferença e reconhecer as múltiplas identidades (DUARTE e ESPÍRITO SANTO, 2009).

Para Mariel (2011), a escola trabalha na direção da normatização, por meio da formação dos corpos infantis. A criança é vista como um adulto em construção e à escola cabe formar os futuros adultos com base nos valores hegemônicos. A autora propõe uma ruptura dessa lógica, valorizando identidades alternativas e buscando uma nova articulação pedagógica, o que vai ao encontro do que Oliveira et al. (2014) definem como perspectiva inclusiva de Educação Física.

Por fim, Neira (2017) nos mostra que o poder molda as identidades a partir de mecanismos pelos quais as inscrições ideológicas se inserem em nossa subjetividade. Acredita que o multiculturalismo crítico pode ser uma estratégia para lidar com a diferença, pois está alinhado com a ideia de igualitarismo e à redução do sofrimento humano.

4.3.2 Currículo

Os trabalhos presentes nessa categoria buscam reconhecer a diversidade e questionar relações de poder e normas que se destinam a homogeneizar os sujeitos (CANDAU, 2008). A interculturalidade trabalha com a produção das diferenças. As identidades mestras, tidas como a norma, precisam ser contestadas, na medida em que compreendemos que os processos de subjetivação são significados culturalmente (HALL, 2006).

Vislumbrando a diversidade como um imperativo, passamos, agora, a refletir sobre como os trabalhos analisados problematizam o currículo e a forma como a escola é estruturada.

Salles e Ivenicki (2016), ao analisarem os currículos prescritos de Educação Física do colégio Pedro II, identificaram que a proposta curricular de 2002 apresenta potenciais multiculturais, com ênfase na perspectiva crítica e presença da perspectiva assimilacionista, a qual se encontra na categoria da interculturalidade funcional. Já na proposta curricular de 2011, apontam que a concepção predominante é a desenvolvimentista, a qual corrobora a perspectiva multicultural assimilacionista. No Plano de Ensino 2013, por sua vez, identificam ambiguidades: o documento propõe formar uma cultura atlética e valorizar o desempenho esportivo e, ao mesmo tempo, considerar as necessidades dos alunos.

Para Rangel et al. (2008), são necessárias mudanças no currículo escolar e nos objetivos de ensino em busca de uma Educação para o não-preconceito e, nesse sentido, propõem um planejamento embasado no multiculturalismo. Da mesma forma, Triani, Da Fonseca e Sbaraini (2016) compreendem o currículo como uma construção social, fazem uma crítica ao ensino monocultural e defendem a necessidade da reconstituição das práticas escolares, de forma a valorizar as diferenças. Podemos depreender, a partir das proposições dos autores, que a interculturalidade é um caminho possível.

Ribeiro e Da Costa (2008) e De Góes Ribeiro (2009) anunciam a presença do Esporte como principal conteúdo trabalhado pelos professores de Educação Física na escola. Defendem que a disciplina não deve se limitar a este conteúdo e que, quando trabalhado, deve buscar alternativas nas quais todos possam participar, romper com os valores de rendimento e exclusão e potencializar a participação e a valorização das diferentes manifestações.

Percebemos que, mesmo após grande influência das teorias críticas sobre a Educação Física, a partir da década de 80, a ênfase excessiva no esporte, atrelada à competição no currículo, continua sendo uma preocupação entre os estudiosos, o que, se não problematizado a partir da compreensão das diferenças, tende a reproduzir padrões excludentes.



Ao analisar práticas pedagógicas em duas escolas portuguesas, Neira (2008) percebe que o currículo ainda está pautado na pedagogia da transmissão: os alunos são ensinados a ouvir e respeitar comandos e não podem se manifestar. Segundo o autor, essa forma de organização escolar tem como cerne homogeneizar identidades, o que vai ao encontro do multiculturalismo assimilacionista.

Em outro trabalho, Neira (2007) avança em uma perspectiva intercultural e desenvolve uma pesquisa-ação em uma escola pública. Aponta que tal pesquisa envolveu a comunidade, pautou-se no diálogo e no aprofundamento dos saberes, buscou valorizar as diferentes identidades e alentou-se em condições de equidade. Com isso, afirma o autor, foi possível, aos alunos, compreenderem e ampliarem o repertório da cultura corporal local, bem como acessar códigos de comunicação de outras culturas por meio da variedade de formas de manifestações corporais.

Ao considerarmos o currículo como um instrumento não neutro, somos motivados a problematizar as relações cotidianas que acontecem no chão da escola (LOPES; MACEDO, 2011). As pesquisas analisadas nesta investigação nos permitem inferir que muitas escolas ainda pautam seus currículos em concepções normativas e excludentes e a interculturalidade pode lançar luz sobre essas questões ao apresentar possibilidades de pensar a educação sob o prisma da diversidade.

Estabelecendo um paralelo entre as concepções de multiculturalismo e as teorias da Educação Física, Neira (2017) assinala que o multiculturalismo conservador, ou monoculturalismo, está intimamente relacionado ao currículo ginástico e esportivista, o multiculturalismo liberal com os currículos desenvolvimentista, globalizante e saudável e o multiculturalismo essencialista de esquerda com a teoria crítica. Para o autor, o multiculturalismo crítico é visto como uma alternativa pedagógica crítica e transformadora, pois questiona os critérios de classificação, estruturação do currículo e poder, aproximando-se, assim, do que Walsh (2009) define como interculturalidade crítica. Consideramos que analisar as teorias da Educação Física sob o prisma dos estudos culturais pode ajudar os professores a avaliarem suas propostas curriculares e práticas pedagógicas.

Ao entender o currículo como uma construção social e defender uma educação multi/intercultural, Triani, Da Fonseca e Sbaraini (2016) e Rangel et al. (2008) assumem que a formação profissional também o seja. Corroborando essa ideia,



Ribeiro e Da Costa (2008) acreditam que a escola se mostra carente de mudanças e há uma falta de entendimento do corpo docente sobre seu papel social.

Os trabalhos não aprofundam as discussões sobre a formação profissional, mas suscitam importantes questionamentos. Propor mudanças curriculares sob a égide intercultural requer dos educadores a apropriação deste campo de conhecimento, tornando-os capazes de questionar sua atuação e a organização escolar.

4.3.3 A questão do Direito à educação

Por fim, a questão dos direitos humanos foi uma categoria presente nos trabalhos analisados.

De Assis e Carvalho (2012) e Oliveira et al. (2014) apresentam a educação como um direito previsto na Constituição Federal. Restringem-se a uma visão legalista/jurídica e não aprofundam as discussões sob o prisma do direito à diferença e sua influência sobre a formação identitária. Por outro lado, Neira (2007) sinaliza que, para a garantia do direito à educação, é preciso reelaborar o currículo e a organização escolar. Propõe o multiculturalismo como uma possibilidade concreta para sua efetivação, se aproximando das considerações de Candau (2008), ao advogar sobre o direito à diferença e à equidade como aspectos constitutivos de nossas subjetividades, intimamente relacionados a uma educação intercultural.

Para Oliveira e Candau (2010), há referenciais na legislação brasileira capazes de despertar críticas decoloniais em torno de todo sistema educacional. Podemos destacar os artigos 215 e 242 da Constituição Federal (1988), os quais versam sobre o reconhecimento da pluralidade étnica da sociedade brasileira e as contribuições de diferentes etnias na formação do povo brasileiro; os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), com os temas transversais, em especial aquele denominado Diversidade Cultural; a lei n. 10.639/03, que torna obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira nas escolas, evidenciando uma demanda da comunidade afro-brasileira por reconhecimento, valorização e afirmação de direitos. Segundo os autores (2010), todas essas diretrizes comungam de um horizonte de reconhecimento da diferença em seus aspectos políticos, culturais, sociais e históricos, buscando



combater a discriminação, o racismo e o mito da democracia racial, educando os cidadãos de forma e terem orgulhoso de pertencer a grupos antes marginalizados. Ao ampliar o foco dos currículos para o reconhecimento da diferença, sinalizam a importância de adotar estratégias pedagógicas diferenciadas, questionar as relações étnico-raciais pautadas em preconceitos e discriminação e garantir condições objetivas de trabalho para os profissionais da Educação.

Mesmo que nosso trabalho não tenha por objetivo aprofundar discussões sob a ótica dos direitos humanos, apresentar tais resultados parece importante para motivar novas pesquisas com esse enfoque. A luta por direitos está intimamente relacionada aos preceitos interculturais e, diante da atual conjuntura política brasileira, levantar questões em busca de uma sociedade mais democrática e menos desigual se faz ainda mais necessário.

5 SINTETIZANDO AS IDEIAS E PROPONDO CAMINHOS

Realizar esta revisão sistemática nos permitiu compreender o panorama da produção acadêmica sobre Educação Física e interculturalidade, no período de 2007 a 2017, enfatizando a importância dessas discussões e a possibilidade de ampliar os olhares sobre a diversidade presente no cotidiano escolar. Buscamos compreender esse fenômeno partindo do conceito de colonialidade, compreendendo que este dialoga com um projeto intercultural na medida que busca romper com processos excludentes e segregadores (WALSH, 2009).

Três pilares orientaram nossa análise. No primeiro, identificamos aspectos quantitativos das pesquisas e concluímos que há uma escassez na produção de conhecimento sobre essas temáticas, o que corrobora com a crítica feita por De Góes Ribeiro (2009) e Rangel (2008) da necessidade de mais pesquisas articulando Educação Física e interculturalidade. A concentração de trabalhos produzidos na região sudeste sinaliza para a importância de mais produções nas demais regiões.

No segundo pilar de análise, procuramos compreender as alternativas conceituais e metodológicas utilizadas pelos autores. Encontramos uma diversidade no formato das pesquisas, o que destaca a complexidade de se pensar a educação sob a ótica intercultural. Além disso, visto que encontramos apenas um trabalho no

formato de pesquisa-ação, sugerimos que mais autores lancem mão de metodologias desse tipo, dado seu potencial em dialogar com as premissas interculturais. A interculturalidade provoca uma revisão constante da estrutura escolar, o que remete ao papel e à escassez das pesquisas com bases multi/interculturais e a partir da diversidade em seu sentido amplo.

O último bloco de análise buscou identificar as temáticas presentes nos trabalhos, o que nos permitiu definir três subcategorias: I. Identidade, Diferença e Diversidade; II. Currículo; III. A questão do Direito à educação. Em relação à primeira subcategoria, todos os trabalhos enaltecem a relevância da pluralidade dos sujeitos escolares, a diversidade como algo positivo e inerente ao cotidiano escolar, a necessidade da reconstituição das práticas escolares e a importância do reconhecimento do outro. Como segunda subcategoria, os trabalhos trazem problematizações importantes sobre o currículo e a organização escolar, sinalizando para a necessidade de reformulação destes de forma a valorizar as diferenças e romper com concepções monoculturais. Uma crítica permeia vários trabalhos: a ênfase dada ao Esporte como um dos principais conteúdos desenvolvidos nas aulas de Educação Física e a necessidade deste conteúdo ser problematizado sob uma ótica de cooperação e de práticas não excludentes, que visem a participação de todos.

As críticas ao currículo estiveram bastante presentes nos trabalhos, com discussões sobre formação profissional e a defesa de que esta contemple as premissas interculturais, bem como a ênfase à necessidade de o corpo docente compreender seu papel como agente de transformação.

Percebemos que os trabalhos suscitam importantes questionamentos, mas não se aprofundam, o que pode ser visto como uma lacuna a ser preenchida. A partir do momento em que propomos mudanças curriculares sob a égide da interculturalidade, é importante que a formação profissional possibilite aos professores se apropriarem deste campo de conhecimento, capacitando-os para questionar sua atuação e a organização escolar.

Uma subcategoria que nos chamou a atenção foi a questão do direito à educação, com trabalhos que analisam o direito a partir de uma visão legalista/jurídica e a sinalização de que, para se efetivar a premissa constitucional do direito à educação, é preciso reelaborar os currículos de forma a contemplar a diversidade e

buscar a equidade. Mesmo sem ter como objetivo aprofundar discussões sob a égide dos direitos humanos, evidenciamos como a legislação brasileira parece caminhar na direção da diversidade. Dado o cenário político e social atualmente vivido pelos brasileiros, consideramos que essa subcategoria se mostra de extrema relevância e merece ser objeto de novos estudos, visto que a luta por direitos está intimamente relacionada a busca por uma sociedade mais democrática.

Nosso intuito, nessa revisão, foi disponibilizar informações e reflexões acerca da produção bibliográfica que discute a interculturalidade na Educação Física escolar, contribuindo, assim, ao questionamento de práticas pedagógicas, em busca de relações mais equitativas e democráticas. Longe de findar quaisquer discussões, percebemos o quanto a interculturalidade pode ampliar os olhares da Educação Física em prol do reconhecimento do outro e da não exclusão e podemos depreender, a partir das proposições dos autores, que a interculturalidade seja uma diretriz importante para fundamentar as práticas pedagógicas.

Não encontramos outras revisões com o propósito de analisar a apropriação do conceito de interculturalidade dentro da Educação Física. Além disso, nosso recorte não incluiu teses e dissertações, o que pode ser um caminho interessante para aprofundar as discussões por nós iniciadas. Essas lacunas reforçam a necessidade de mais pesquisas, ampliando o debate acerca das possibilidades de uma educação pautada na interculturalidade. É preciso que, cada vez mais, a discriminação e o preconceito sejam denunciados e que busquemos uma sociedade e uma educação mais plural, humana e justa.

MARCELL REZENDE SILVA

Mestre em Educação em Ciências e Saúde (NUTES/UFRJ). Especialista em Ética, Valores e Saúde na escola (USP). Licenciado e Bacharel em Educação Física (UNICAMP) e Licenciado em Pedagogia (UNINOVE). Professor EBTT (Colégio Pedro II). Desenvolveu estudos no âmbito da Educação com ênfase em temas como Trabalho e Saúde Docente, Multiculturalismo e Estudos Culturais.

VERA HELENA FERRAZ DE SIQUEIRA

Doutora em Educação, Columbia University, EUA. Docente no Programa de Educação em Ciências e Saúde do Instituto NUTES/UFRJ. Tem experiência na área da Educação, atuando nos seguintes temas: políticas de identidade e formação profissional; diversidade e inclusão; estudos culturais e educação; educação em saúde; relações de gênero, raça/ etnia.

ANDRÉA COSTA DA SILVA

Doutora e Mestre em Educação em Ciências e Saúde, pelo Programa de Pós - Graduação em Educação em Ciências e Saúde (NUTES / UFRJ), no qual atualmente participa como professora colaboradora. Possui experiência na área de Educação com ênfase nos seguintes temas: Educação em Saúde; Estudos Culturais e Educação; Gênero e Sexualidade, Políticas Afirmativas, Cotas raciais.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. 4ªed. Lisboa: Edições, v. 70, p. 1977, 2011.

BRASIL, Ministério da Educação, (1997). *Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental*. Brasília, MEC/SEF, 1997.

CANAU, V. M. Direitos humanos, educação e interculturalidade: as tensões entre igualdade e diferença. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 37, p. 45-56, abr. 2008.

DAOLIO, J. *Cultura, Educação Física e Futebol*. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

DARIDO, S. C.; RANGEL, I. C. A. *Educação Física na escola: implicações para a prática pedagógica*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

DE ASSIS, C.; CARVALHO, R. M. Corporeidades, experiências e práticas pedagógicas. Anais do XVI ENDIPE - *Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino - UNICAMP - Campinas – 2012*, p. 12-22, 2012.

DE GOES RIBEIRO, W. Reflexões sobre A Pesquisa Multicultural Na Formação Do Professor De Educação Física: Potenciais E Desafios. *Arquivos em Movimento*, v. 5, n. 2, p. 50-68, 2009.

DUARTE, L.; ESPÍRITO SANTO, F. Identidade & Diferença: Reflexões A Partir Do Cotidiano Nas Aulas De Educação Física Escolar. *Anais... XVI CONBRACE/III CONICE (2009)*: dez. 2009.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. As pesquisas denominadas "estado da arte". *Educação e Sociedade*. Campinas, v. 23, n. 79, p. 257-272, ago. 2002.

GOMES, I. S.; CAMINHA, I. de O. Guia para estudos de revisão sistemática: uma opção metodológica para as Ciências do Movimento Humano. *Movimento*. Porto Alegre, v. 20, n. 01, p. 395-411, jan./mar. 2014.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LOPES, A. C.; MACEDO, E. *Teorias de Currículo*. São Paulo: Cortez Editora, 2011.



MARIEL, A. R. A construção de identidades corporais alternativas nos limites de um projeto educativo hegemônico. *Movimento*, v. 17, n. 4, p. 83, 2011.

NEIRA, M. G. Valorização das identidades: a cultura corporal popular como conteúdo do currículo da Educação Física. *Revista Motriz*, Rio Claro, v. 13, n. 3, p. 174-180, 2007.

NEIRA, M. G. Em Contextos Multiculturais: concepções docentes acerca da própria prática pedagógica¹. *Currículo sem fronteiras*, v. 8, n. 2, p. 39-54, 2008.

NEIRA, M. G. Possíveis relações entre multiculturalismo e teorias curriculares da Educação Física. *Utopía y Praxis Latinoamericana*, v. 22, n. 79, p. 41-55, 2017.

NORONHA, D. P.; FERREIRA, S. M. S. P. *Revisões de literatura*. In: [S.l: s.n.], 2000.

OLIVEIRA, E. N. de et al. O DIVERSO E O DIFERENTE: PARA ALÉM DA UTOPIA. *Revista Redfoco*, v. 1, n. 1, 2014.

OLIVEIRA, L. F. de; CANDAU, V. M. F. Pedagogia decolonial e educação antirracista e intercultural no Brasil. *Educação em Revista*. Belo Horizonte, v. 26, n. 1, p. 15-40, abr. 2010.

OLIVEIRA, N. Do multiculturalismo ao interculturalismo. Um novo modo de incorporação da diversidade cultural? *Revista Ambivalências*, v. 5, n. 9, p. 10-35, 2017.

RANGEL, I. C. A. et al. Educação Física Escolar e multiculturalismo: possibilidades pedagógicas. *Motriz*. UNESP, v. 14, n. 2, p. 156-167, 2008.

RIBEIRO, G.; DA COSTA, M. Educação Física: Diversidade E Diferença No Contexto Escolar. *Anais do IV Congresso Sulbrasileiro de Ciências do Esporte*, Brasil, set. 2008.

SALLES, F. L.; IVENICKI, A. Currículo Prescrito Da Educação Física No Colégio Pedro II: Um Olhar Multicultural. *Temas em Educação Física Escolar*, v. 1, n. 1, p. 92-115, 2016.

SILVA, T. T. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

SILVA, M. R. *Interculturalidade, Diversidade e Educação Física: discursos e práticas de professores do Ensino Fundamental*. 2019. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências e Saúde) - Núcleo de Tecnologia Educacional para a Saúde, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.



SIMOES, R. et al. A produção acadêmica sobre ginástica: estado da arte dos artigos científicos. *Rev. bras. educ. fís. Esporte*. São Paulo, v. 30, n. 1, p. 183-198, mar. 2016.

SOARES, C. L. et al. *Metodologia do Ensino de Educação Física*. São Paulo: Cortez, 1992.

SOARES, C. L. Educação Física escolar: conhecimento e especificidade. *Revista Paulista de Educação Física*, p. 6-12, 1996.

TRIANI, A. P.; DA FONSECA, R. A.; SBARAINI, F. L. Educação Física Escolar, Interculturalidade E Saúde: Uma Articulação Necessária. *Ensino, Saúde e Ambiente*, v. 8, n. 3, 2016.

UNBEHAUM, S. G. *As questões de gênero na formação inicial de docentes: tensões no campo da educação*. 2014. 250f. Tese (Doutorado em Educação: currículo) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2014.

WALSH, C. Interculturalidade crítica e pedagogia decolonial: in-surgir, re-existir e re-viver. In. CANDAU, Vera Maria (Org.). *Educação intercultural na América Latina: entre concepções, tensões e propostas*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009. p. 12-43.